

EDUCAÇÃO HISTÓRICA: um campo repleto de possibilidades de investigação

Flavia Gomes da Silva Riger¹

Marlene Cainelli e Maria Auxiliadora Schmidt (Org.)

Educação Histórica: Teoria e Pesquisa.

Ijuí: Ed. Unijuí, 2011. 352 p.

Para aqueles que têm interesse por trabalhos relacionados ao Ensino de História, mais especificamente sobre a área denominada Educação Histórica, a leitura do livro *Educação Histórica: Teoria e Pesquisa* é bastante oportuna. Trata-se de uma obra organizada por Marlene Cainelli, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Londrina (UEL) e coordenadora do Grupo de Pesquisa História e Ensino de História; e por Maria Auxiliadora Schmidt, professora e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Paraná (UFPR), coordenadora do Laboratório de Educação Histórica (LAPEDUH-UFPR), e bolsista produtividade 1d-CNPq. O livro se propõe a apresentar uma série de trabalhos, de pesquisadores do Brasil e de Portugal, que têm em comum o fato de serem investigações sobre Educação Histórica.

A definição de Educação Histórica perpassa todos os trabalhos presentes na obra. Trata-se de uma área, no campo do Ensino de História, surgida na Inglaterra, na década de 1970, do século 20, que se preocupa em investigar a natureza do conhecimento histórico, ou seja, como os alunos aprendem História e como constroem a sua consciência histórica, tendo como objetivo apurar quais os sentidos que os indivíduos atribuem à História.

Ao todo, compõem a obra dezesseis trabalhos. Eles encontram-se distribuídos a partir de quatro temáticas constitutivas da área da Educação Histórica, como os estudos sobre consciência histórica;

¹ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE-UFSC). E-mail: flaviariger@gmail.com

aqueles que têm como foco a relação de alunos e professores com o conhecimento histórico; os que se voltam para a análise da relação entre a construção do conhecimento histórico e o uso de diversas linguagens culturais, assim como os que investigam como alunos e professores se relacionam com o conhecimento presente nos manuais didáticos de História.

Seis trabalhos integram a temática *Educação Histórica e Consciência Histórica*. O primeiro deles é o de Isabel Barca, intitulado “O papel da educação histórica no desenvolvimento social”. Neste texto, a autora apresenta uma série de estudos na área da Educação Histórica, dentre os quais aqueles que se propõem a investigar a progressão da cognição histórica, como os do pesquisador inglês Peter Lee. Um dos dados relevantes, apontado pela autora, diz respeito a não relação entre progressão da cognição histórica e faixa etária.

Já o texto de Estevão de Rezende Martins, “Educação e Consciência Histórica”, apresenta uma reflexão sobre as relações entre a teoria da História e os referenciais da área da Educação Histórica, centrando a discussão no tema da consciência histórica.

A tese de que é o presente que condiciona o retorno ao passado é abordada no texto “O significado do passado na aprendizagem e na formação da consciência histórica de jovens alunos”, de Maria Auxiliadora Schmidt. De acordo com a autora, é a relação presente/passado/futuro que proporciona a construção da consciência histórica, entendida como a capacidade dos seres humanos de, a partir de questões do presente, olharem para o passado e projetarem perspectivas de futuro.

O estudo de Geysa D. Germinari, “Consciência histórica de jovens escolarizados e história da cidade”, analisa a importância do ensino de História na inculcação de uma determinada identidade curitibana. Os dados apontam uma forte proximidade entre o tipo de passado aprendido pelos jovens, no Ensino Fundamental, com o passado contado pela administração pública, como estratégia política de consolidar um determinado projeto de cidade, identificado com o discurso da cidade modelo.

O último trabalho que integra a temática *Educação Histórica e Consciência Histórica* é de Lidiane Camila Lourençato e Marlene Cainelli. Neste estudo, realizado com alunos do Ensino Médio do Colégio Estadual Hugo Simas, em Londrina (PR), as pesquisadoras buscaram compreender quais consciências históricas os alunos apresentam, quando questionados sobre os mais variados assuntos.

Há, também, um grupo de cinco trabalhos que fazem parte da temática *O pensamento histórico de alunos e professores*. O texto “A importância da evidência histórica na construção do conhecimento histórico”, de Ana Catarina Gomes Lage Ladeira Simão, apresenta uma investigação realizada com uma amostra de cem alunos, do 3º Ciclo e do Ensino Secundário de Portugal, no intuito de perceber quais conceitos de evidência estes alunos apresentam. Para tanto, foi proposta uma atividade de confrontação de diferentes fontes sobre o tema da expansão romana e da romanização. Trata-se de um estudo que favorece a percepção da falibilidade da teoria piagetiana, no que diz respeito aos estágios de desenvolvimento cognitivo marcados por faixas etárias.

A relação entre atividades educativas de exploração de fontes patrimoniais e a progressão do pensamento histórico dos jovens foi o tema do estudo de Maria Helena M. N. F. Pinto. O texto intitulado “A melhor forma de conhecer a história de Guimarães é ir explorar”: compreensão histórica de alunos portugueses sobre evidência patrimonial” apresenta resultados parciais de uma investigação que analisou de que forma os alunos interpretam fontes patrimoniais em atividades de aprendizagem histórica.

O texto “A elaboração do conhecimento histórico: um estudo com crianças da 4ª série (atual 5º ano) do Ensino Fundamental sobre a variância histórica”, de autoria de Mariana Siene Gallo e Magda Madalena Peruzin Tuma, aponta para a importância de os professores trabalharem com diferentes fontes históricas, auxiliando na compreensão de que existem diversas interpretações a respeito de um fato histórico. Neste estudo, as pesquisadoras pediram a vinte alunos do atual 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola municipal de Londrina (PR), que pesquissassem, na internet, textos sobre o tema Escravidão no Brasil, e,

posteriormente, comparassem as informações presentes nestes textos com as que o livro didático apresenta. Tal atividade leva os alunos a perceberem que não existe uma verdade sobre os fatos históricos, mas sim diferentes versões. A utilização desta metodologia de pesquisa proporciona o entendimento de que a História é um conhecimento em constante processo de (re)construção.

Gláucia Ruivo Murinelli e Regina Célia Alegro, na investigação “Narrativas de alunos adultos sobre a boa escola: vivências, interpretações e orientação temporal”, avaliaram 518 narrativas de alunos adultos, matriculados na Educação de Jovens e Adultos (EJA), em escolas do Paraná, sobre suas relações com o tempo. Os resultados parciais, apresentados neste estudo, indicam que alunos não escolarizados desenvolvem formas diferentes de marcar a passagem do tempo, e que adultos com perfis semelhantes recorrem a estratégias também semelhantes para construir suas narrativas e atribuírem sentido para as experiências no tempo.

Já o texto “‘Fado Tropical’: protonarrativas de jovens alunos brasileiros e portugueses, escritas a partir das leituras e escutas de uma canção ‘engajada’” refere-se a um estudo comparativo realizado com alunos do Ensino Médio de duas escolas públicas: Curso Técnico Integrado de Mecânica, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (Curitiba), e Curso Científico-Humanístico de Línguas e Literaturas, da Escola Dom Afonso Sanches, em Portugal. Neste trabalho, Luciano de Azambuja objetivou investigar quais ideias históricas esses jovens mobilizam a partir das leituras e escutas de uma ‘canção engajada’, e se esta canção contribui no desenvolvimento da consciência histórica destes alunos. No que se refere à canção escolhida, trata-se de *Fado Tropical*, de autoria de Chico Buarque de Holanda e Ruy Guerra. A pesquisa ainda se encontra em andamento e, por conta disso, o texto apresenta somente alguns resultados parciais, deixando a grande maioria das questões em aberto. Dentre as constatações, destaca-se a importância de investigar os conhecimentos tácitos dos alunos, procedimento este que constitui o ponto de partida nas pesquisas em Educação Histórica.

Três trabalhos abordaram a seguinte temática: *Linguagens Culturais Contemporâneas e o Pensamento Histórico de Alunos e Professores*. O cinema foi a linguagem cultural analisada no trabalho de Olga Magalhães e Henriqueta Alface, autoras do texto “O cinema como recurso pedagógico na aula de História”. Nesta investigação, o objetivo das autoras é analisar até que ponto o cinema de ficção constitui um recurso pedagógico importante para o desenvolvimento do espírito crítico dos alunos e, conseqüentemente, para a construção do conhecimento histórico. Este estudo foi realizado com alunos do 10º ano do Ensino Secundário de Portugal e o filme selecionado para a análise foi *O Gladiador* (Ridley Scott, EUA, 2000). A investigação, que exigiu dos alunos um trabalho de comparação de fontes históricas relacionadas à temática do filme, serve como exemplo da importância da abordagem dos conteúdos a partir da confrontação de fontes variadas, atitude que leva os alunos a perceberem a multiplicidade de versões sobre os fatos históricos.

Outro artefato cultural analisado, em sua relação com o conhecimento histórico, foram as histórias em quadrinhos. Marcelo Fronza, no trabalho “As ideias de objetividade e de verdade no pensamento histórico dos jovens a partir das histórias em quadrinhos”, investigou a relação entre histórias em quadrinhos e conhecimento histórico, centrando sua análise na maneira pela qual os jovens estudantes brasileiros do 2º ano do Ensino Médio, tanto de uma escola pública quanto de uma escola particular, vêem a questão da objetividade e verdade históricas. Este estudo, além de fazer uso do método de confrontação de fontes históricas, apontando para a ideia de versões da História, serviu para demonstrar como ainda é presente, nas concepções de jovens estudantes, a tese positivista de que a verdade sobre História está atrelada às testemunhas dos fatos, principalmente oculares.

Márcia Elisa Teté Ramos investigou o que pensam os jovens sobre a História e o ensino de História. Seu estudo, “Pensamento dos jovens em comunidades virtuais sobre a História e seu ensino”, teve como fonte o *orkut*, mais especificamente os comentários postados nos fóruns de comunidades relacionadas à História e ao seu ensino. Aqueles que

odeiam História creditam esse sentimento aos professores de História, pois estes os fazem decorar nomes e datas consideradas históricas. Nestes comentários, encontra-se ainda bastante presente a tese de que a História e o seu ensino são um conhecimento pronto, o que nos leva a refletir sobre a efetiva incorporação, no dia a dia em sala de aula, das inovações propostas para o ensino de História.

A temática *A relação de alunos e professores com o conhecimento dos manuais didáticos* é composta por dois trabalhos. O primeiro deles, intitulado “Manual Escolar: guia de estudo ou prática de competências? Estudo com professores e alunos do Ensino Secundário (Portugal)”, é de autoria de Maria Isabel Afonso. Neste estudo, realizado com seis alunos do 10º ano de escolas do Norte de Portugal e com cinco professores que lecionam nesse mesmo ano de escolaridade, a autora procurou responder às seguintes indagações: que utilização os alunos e professores dessa amostra fazem do manual didático? As atividades propostas no manual contribuem para o desenvolvimento de competências históricas nos alunos do ensino secundário? Com este estudo é possível perceber que o manual escolar continua sendo um dos recursos pedagógicos mais utilizados por alunos e professores em sala de aula.

Já o estudo de Rosi Terezinha Ferrarini Gevaerd – “Percebo que os textos estão acima da compreensão das crianças’: ideias expressas pelas professoras em relação ao manual didático” – apresenta resultados parciais da pesquisa acerca das ideias de alunos e professores, de turmas de 4º e 5º ano do Ensino Fundamental, de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Curitiba, em relação ao conceito substantivo ‘escravidão’. Num primeiro momento, a autora investiga os manuais didáticos do PNLD/2010, com o objetivo de perceber se o conceito substantivo ‘escravidão’ está presente nas narrativas destes livros didáticos. Em um segundo momento, analisa a percepção das professoras da escola pesquisada sobre a coleção *Projeto Curitiba: História* (a mais escolhida pelas escolas), buscando perceber se elas de fato utilizam este material e se o consideram adequado à compreensão das crianças. Por se tratar de um estudo em andamento, algumas questões lançadas no texto deixaram de ser respondidas. Percebe-se que o foco da

autora centrou-se na investigação sobre a presença do conceito substantivo 'escravidão' nos manuais didáticos aprovados pelo PNLD/2012, e que a questão central da investigação, presente inclusive no título do artigo, sobre as ideias expressas pelas professoras em relação ao manual didático, pouco foi abordada.

De uma forma geral, todos os trabalhos contidos neste livro remetem aos estudos do pesquisador alemão Jörn Rüsen, referência quando se trata de estudos sobre a construção da consciência histórica. Além disso, a variedade de metodologias adotadas pelos pesquisadores demonstra como a Educação Histórica é um campo do Ensino de História cheio de possibilidades de investigação.

Analisando os trabalhos, é possível perceber que a metodologia de confrontação de fontes históricas foi um dos recursos mais utilizados pelos pesquisadores. Esse método proporciona aos alunos o entendimento de que não existe uma única História verdadeira, mas uma enorme gama de interpretações sobre os fatos históricos, todas amparadas em evidências sobre esses fatos.

Como se trata de um livro que discute a temática da Educação Histórica, o público-alvo constitui-se de alunos de graduação (tanto em História quanto em Pedagogia), professores da Educação Básica (Ensino Fundamental e Médio), professores universitários e todos aqueles que queiram compreender melhor qual é o papel do ensino de História. Os textos auxiliam a elucidar a tese de que, dentre as disciplinas da grade curricular da Educação Básica, a História é aquela responsável por auxiliar os alunos a compreenderem o mundo em que vivem e por levar as pessoas a questionarem o presente e, com isso, traçarem perspectivas de futuro.

De fato a obra possui diversos textos que apresentam pesquisas em andamento, deixando muitas perguntas sem respostas, no entanto, esse aspecto não desmerece este livro, que deve sim ser consultado por todos os interessados nas questões relativas ao Ensino de História.

Recebido em 07/01/2012
Aprovado em 15/02/2012